



VENTILAN

POESIA ANTIASMÁTICA

Nuno Moura foi jogador de pólo aquático e escreveu os versos de *Nova Asmática Portuguesa*. É ele quem agarra no papel e no microfone gritando em tom de comício: «Portugal é um país de poetas ricos». O público sorri: «A poesia dá dinheiro a Portugal». Está dado o mote. Henrique Fialho acorda a guitarra eléctrica com a sensatez de um professor de Filosofia de 30 anos. E Nuno Moura continua: «Teve mais de noventa mil pessoas delírias no estádio das Antas para o lançamento do seu último livro de poesia». O público ri. Pedro Serpa, 26 anos, sopra no saxofone cerimonioso, como se estivesse a fechar a caixa da livraria onde trabalha na “vida real”. Os três membros dos Ventilán escolheram nome de medicamento contra a falta de ar e só se encontram nos concertos, um a dois por ano desde 2001. Partilham a crença de que a poesia tem propriedades antiasmáticas. E o gosto pelo risco: os seus espectáculos são uma espécie de ensaios ao vivo que costumam correr bem, embora numa noite mítica em Almeirim já tenham sido interrompidos pela Polícia de Segurança Pública. Gosto da adrenalina de estar ali a actuar e ter de me safar, explica Nuno. Têm um slogan — “Queremos um fã” — que define sobretudo o que não querem: estrelato. Revela também a profissão do homem da voz: Nuno Moura, criativo de publicidade e poeta. Além de ex-professor de natação

no Benfica e ex-jogador de pólo aquático: ainda fez a época de 2001/2002 na segunda divisão, com os Pinguins. O responsável pelas palavras dos Ventilán é um admirador dos catalães Accidents Polipoètics e faz parte de um duo de “spoken word” com Paulo Condessa: o COPO. Aos 30 anos é com o fôlego e a violência do pólo aquático que Nuno lê um dos textos habituais nas actuações dos Ventilán, escrito pelo poeta brasileiro Jayme Kopke: «É hora, companheiros. Até aqui estivemos ensaiando. Foi tudo muito bom e valeu. Mas agora começa o verdadeiro espectáculo. (...) Vamos alçar os pés, brandir os braços e girar. E descer a porrada.» As palavras de Kopke gritadas e sussurradas ao microfone dos Ventilán evoluem num apelo irónico à violência que deixa qualquer um mais acordado. E talvez com menos falta de ar.

JOÃO PACHECO

in *Y, Público*, 11 de Março de 2005.

«...e, já agora, confesso ser fan do bando Ventilán...»

VÍTOR SILVA TAVARES

in *Textinhos, Intróitos & etc*,
Pianola Editores, 2017, p. 489.

Os **VENTILAN** não nasceram de uma ideia, nasceram de uma vontade. Não são, por isso, um projecto. São puro acto. Os Ventilán só querem ter um fã. Seguem à risca a máxima segundo a qual “a poesia é cada vez mais claramente a antimatéria da sociedade de consumo”. Cada acto é um ensaio e cada ensaio é, hélas!, um acto. Raramente o acto acontece mais do que uma vez por ano. Os (in)suspeitos implicados são: **NUNO MOURA, PEDRO SERPA, HENRIQUE FIALHO, LUÍS FONSECA**. Começaram em 2001, na Taberna Toino da Cunha (Almeirim). Em 2006 participaram no CD *Não resistir Só e Não Só resistir* (produzido pelo M.A.T.A. — movimento anti “tradição académica”). Em 2007 publicaram um CD homónimo com o n.º 2 da revista *Big Ode*.

DIGA33
poesia no teatro
às terças-terças-feiras
de cada mês

Programa elaborado por
HENRIQUE MANUEL BENTO FIALHO





Ventilan

voz Nuno Moura
guit. Henrique Fialho
loops Luís Germano
sax Pedro Serpa

Podíamos criar galinhas. Ou canários. Na *Grande Enciclopédia da Casa* há uma entrada para a criação de toda a sorte de animais, da pequena capivara ao maior dos mamíferos, do pelo curto à penugem mais exuberante. A *Enciclopédia Britânica*, num tomo profusamente ilustrado, enumera as 500 espécies domesticadas pelo homem desde o princípio dos séculos e na *wikipédia* multidões engalfinham-se em quartos soturnos a acrescentar novos amiguinhos à companhia humana. Em Hong Kong um homem de meia idade domesticou um portento, em Cabul ordenha-se a guerra, em Helsínquia um petiz de inteligência aguçada transformou um facínora num animal de companhia que carrega telemóveis e mapeia a cidade.

Podíamos criar galinhas. Ou canários. Estupidamente criamos formigas e estamos sós nesse mister. Dos milhões de entradas que abordam o conhecimento humano nenhuma referência a este adestramento, em parte alguma do mundo se encontra alma gémea a quem se possa perguntar: a poesia fura a barriga?

LUÍS GERMANO FONSECA

PRÓXIMA SESSÃO
15 DE JANEIRO DE 2019

com
ANTÓNIO DE CASTRO CAEIRO
e
JOSÉ ANJOS

henrique
manuel
bento fialho
nuno moura
joão paulo
estesves
da silva
paulo
da costa
domingos
manuel a.
domingos
carlos
alberto
machado
miquel-manso
pedro mexia
miquel de
carvalho
rui costa
andre corrêa
carvalho
margarida
vale de gato
claudia souco
basco david
helena vieira
m. parissu
jaime rocha